



**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALMADA
INSTITUTO DE ESTUDOS INTERCULTURAIS E TRANSDISCIPLINARES**

MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

BULLYING – Não... isso magoa!

- Comportamentos violentos entre crianças/adolescentes em contexto escolar.

Carminda Piqueira

ALMADA, 2018



Campus Universitário de Almada

Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

BULLYING – Não... isso magoa!!!

- Comportamentos violentos entre crianças/adolescentes em contexto escolar.

Relatório final de Prática de Ensino Supervisionada apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (2º ciclo de estudos) ao abrigo do Aviso n.º 7255/2015 de 30 de junho de 2015, sob a orientação da **Professora Doutora Amália Rebolo e Professora Doutora Paula Rodrigues**

CARMINDA PIQUEIRA

Almada, 2018

*A Todas as Pessoas do Mundo
que são vítimas de Bullying*

Agradecimentos

Este estudo não é apenas o resultado de um empenho individual, mas sim um conjunto de esforços que, de maneira geral, tornaram possível o desenvolvimento do mesmo, e sem os quais teria sido muito difícil chegar ao fim desta etapa, que representa um ponto histórico, importante na minha vida acadêmica, pessoal e profissional.

Assim, quero manifestar o meu profundo agradecimento a todos os que tiveram presentes nos momentos de angústia, ansiedade, tristeza, alegria, exaustão e de satisfação.

A todos os Professores, Doutores e Mestres que me transmitiram os seus Saberes e Conhecimentos, e fizeram de mim uma pessoa mais instruída, positiva e preparada para o futuro.

Ao meu marido pelo amor, apoio e incentivo para a continuidade do trabalho apesar dos obstáculos que se apresentaram e pela ajuda na fase de introdução de dados.

Aos meus filhos pela paciência e pelas longas horas que se viram privados da minha atenção.

À minha família a quem agradeço o apoio e disponibilidade para cuidar das minhas crianças.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

O presente trabalho foi realizado por Carminda Rita Daupiás Madruga Piqueira do Ciclo de Estudos de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, no ano letivo de 2016/2017.

Os seus autores declaram que:

(i) Todo o conteúdo das páginas que se seguem é de autoria própria, decorrendo do estudo, investigação e trabalho dos seus autores.

(ii) Este trabalho, as partes dele, não foi previamente submetido como elemento de avaliação nesta ou em outra instituição de ensino/formação.

(iii) Foi tomado conhecimento das definições relativas ao regime de avaliação sob o qual este trabalho será avaliado, pelo que se atesta que o mesmo cumpre as orientações que lhe foram impostas.

(iv) Foi tomado conhecimento de que a versão digital este trabalho poderá ser utilizada em atividades de deteção eletrónica de plágio, por processos de análise comparativa com outros trabalhos, no presente e/ou no futuro.

31 de Outubro de 2018

Assinatura

Resumo

O *Bullying* define principalmente os atos de violência física ou psicológica entre crianças/adolescentes, alunos e/ou grupos de alunos, geralmente nas escolas ou suas proximidades, com ou sem razão aparente e de forma intencional e continuada. A violência/*bullying* pode provocar perturbações de ansiedade, sono e de alimentação, a obesidade, a depressão e os comportamentos sexuais de risco e em casos extremos o suicídio. Este trabalho tem como objetivo identificar e caracterizar a vitimização e a agressão através do *bullying* numa escola básica do 2º e 3º ciclo na grande Lisboa, em alunos de 3º ciclo. A amostra foi constituída por 74 alunos (53 raparigas e 21 rapazes), com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, sendo que a média foi de 14 anos. O instrumento utilizado foi um questionário de Dan Olweus (1989), adaptado para a língua portuguesa e validado para a população escolar por Pereira e Tomás (1994 cit. em Pereira, 2008) e revisto por Melim (2011), de carácter anónimo. Após análise dos dados obtidos através do questionário, constatámos práticas de agressão que denunciavam a ocorrência de *bullying* numa percentagem de 17,6% de vitimização (vítimas), 6,6% afirmaram-se agressores e 4,0% as chamadas vítimas agressoras, já 82,4% identificaram-se como não envolvidos. Os locais onde mais ocorrem estes casos são o recreio seguido da sala de aula.

Palavras-chave: *Bullying*, contexto escolar, vítimas, agressores.

BULLYING – Não... isso magoa!

Abstract

The word bullying basically defines acts of violence, physical or psychological, between children /adolescents, pupils and /or groups of pupils, usually in schools or their proximity, with or without apparent reason, and with intentional and persistent form. The violence / bullying, can provoke disturbances such as anxiety, problems sleeping, eating (leading to obesity or weight loss), depression and risky sexual behavior, and, in extreme cases, suicide. The objective of this work is to identify and characterize victimization and aggression as a result of bullying in the 2nd and 3rd grades of an elementary school at great Lisbon, with pupils of the 3rd grade. The sample was composed of 74 pupils (53 girls and 21 boys) with ages between 12 and 17 years, where the average age was 14 years old. The tool used for was an original questionnaire of anonymous character by Olweus (1989), adapted to Portuguese and validated for the school population by Pereira and Tomás (1994 cited in Pereira, 2008), and revised by Melim (2011). When the data from the questionnaire was analyzed, we verified practices of aggression which denounced the occurrence of bullying in a percentage of 17.6% of victimization (victims); 6.6% affirmed as aggressors; and 4% as the so called 'victim' aggressors. 82.4% were identified as not involved. The places where most incidents occur were the playground followed by the classroom.

Key words - bullying, school setting, victims, aggressors.

ÍNDICE GERAL

Índice de gráficos.....	12
Índice de tabelas.....	13
Introdução.....	15

PARTE I

Enquadramento teórico

O despertar do fenómeno do <i>Bullying</i>	18
Definição/conceituação de <i>Bullying</i>	19
<i>Bullying</i> ou comportamentos agressivos.....	20
Tipos de <i>Bullying</i>	21
Cyberbullying.....	22
Os intervenientes do <i>Bullying</i>	23
Identificação dos Agressores.....	23
Identificação das Vítimas.....	23
Os observadores e os assistentes incentivadores dos agressores.....	24
Causas do <i>Bullying</i>	24
Porquê agredir?	25
Comportamento violento em contexto escolar.....	25
Como identificar os envolvidos no <i>bullying</i> ?	26
Vítimas na escola.....	26
Agressor nas escolas.....	26
Consequências para as vítimas.....	27
Consequências para os agressores.....	27

Prevenção Programas de intervenção	28
------------------------------------------	----

PARTE II

Metodologia

Objetivo.....	32
Metodologia	32
Amostra.....	32
Instrumento.....	33
Descrição do inquérito.....	33
Análise dos dados e procedimentos estatísticos	34

PARTE III

Apresentação e análise dos resultados

Resultados

Definição dos grupos envolvidos no <i>Bullying</i>	36
Identificação das vítimas.....	36
Vitimização por género.....	37
Vitimização em função da idade.....	38
A frequência do <i>Bullying</i>	39
A frequência em função do género	40
As diferentes formas de vitimização e o género.....	40
Locais de agressão.....	42

BULLYING – Não... isso magoa!

Quem agride e idade.....	43
Atitude dos professores e funcionários face o <i>Bullying</i>	44
Comunicar a alguém as ocorrências do <i>Bullying</i>	45
Atitude perante um colega vítima.....	45
Agressão e género.....	47
Agressão e idade.....	47
A motivação para as praticas agressivas	48
Sobre a probabilidade de vir a agredir.....	49

PARTE IV

Discussão e conclusão dos resultados

Discussão dos resultados.....	51
Conclusão dos resultados.....	55
Sugestões e limitações.....	56

PARTE V

Projecto de intervenção e prevenção do *bullying*

Plano de intervenção.....	58
Referências bibliográficas	64
Anexos	68
Questionário	69

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1

Vitimização por Género.....38

Gráfico 2

Frequência de agressões40

Gráfico 3

Motivos para agredir.....48

Índice de tabelas

Tabela I – representação da amostra por género e ano de escolaridade.....	33
Tabela II – Prevalência do tipo de envolvimento em situações de <i>bullying</i>	36
Tabela III - Prevalência do tipo de envolvimento em situações de <i>bullying</i>	37
Tabela IV - Vitimização por <i>bullying</i> em função do género dos alunos	37
Tabela V - Vitimização por <i>bullying</i> em função da idade.....	38
Tabela VI – Vitimização em função da idade e género.....	39
Tabela VII – Frequência do <i>bullying</i>	39
Tabela VIII – Frequência do <i>bullying</i> por género.....	40
Tabela IX – Formas de vitimização.....	41
Tabela X – Formas de agressão por género (RAPAZ).....	42
Tabela XI – Formas de agressão por género (RAPARIGA).....	42
Tabela XII – Locais mais frequentes de vitimização.....	43
Tabela XIII – Idade dos que agredem.....	43
Tabela XIV – Origem de quem agride.....	44
Tabela XV – Atitude dos professores e funcionários, na opinião dos alunos.....	44
Tabela XVI – Comunicar a agressão a alguém.....	45
Tabela XVII - sobre as atitudes perante o fenómeno.....	46
Tabela XVIII – Agressão de acordo com o género.....	47
Tabela XIX - Frequência de agressores.....	47
Tabela XX – Agressão de acordo com a idade.....	48
Tabela XXI - Ajudavas a agredir um colega que não gostasses?.....	49

BULLYING – Não... isso magoa!

“A violência não é um sinal de força, a violência é um sinal de desespero e fraqueza”. (Dalai Lama)

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, debatemo-nos com um fenómeno crescente de violência entre os nossos jovens, caracterizado por *BULLYING*. Nos últimos anos muito se tem escrito sobre o fenómeno da violência, podendo parecer que este fenómeno tem vindo a aumentar. Estas práticas de violência, tanto físicas como psicológicas, têm uma relevância de destaque quando falamos de crianças nas escolas, e até mesmo no nosso dia a dia.

Atualmente o *Bullying* é reconhecido como problema crónico nas escolas, e com consequências sérias, tanto para vítimas, quanto para agressores. Todos os dias somos “bombardeados” com notícias, de uma violência brutal, de jovens que agredem outros sem demonstrarem qualquer arrependimento pelos seus atos.

A violência/bullying além de poder provocar a morte e incapacidade, tem também outras graves consequências que são frequentemente associadas ao consumo de substâncias perigosas tal como o álcool, drogas e até mesmo o tabaco. São também comportamentos sequenciais as perturbações de ansiedade, sono e de alimentação, a obesidade, a depressão e os comportamentos sexuais de risco. A violência é, pois, um problema global de saúde e a sua prevenção é fundamental!

O *bullying* é um tema abundantemente discutido nos dias de hoje, mas não será demais reflectir sobre um assunto tão interessante quanto importante e que pode afectar quem nos está mais próximo.

Assim o foco principal deste estudo foi o de identificar e caracterizar a vitimação através do *bullying* numa escolabásica do 2º e 3º ciclo da grande Lisboa, em alunos de 3º ciclo.

Na primeira parte é apresentada uma revisão de literatura sobre o tema, procurando definir, situar e caracterizar o fenómeno. A segunda parte é composta pela metodologia do trabalho.

BULLYING – Não... isso magoa!

A terceira parte é dedicada à exposição dos dados recolhidos os quais são expostos e apresentados de forma tabular e gráfica.

Na quarta parte são discutidos os dados obtidos através dos questionários distribuídos aos alunos com a devida autorização prévia dos encarregados de educação, tal como as devidas conclusões de todos os dados recolhidos.

Por fim uma quinta parte, que é composta por um projecto de intervenção e prevenção que inicialmente tinha como intenção ser aplicado, no entanto, não foi possível. Este projeto de intervenção tinha como objetivo a prevenção e redução das práticas agressivas entre alunos da escola.

PARTE I

Enquadramento teórico

O despertar do fenómeno do *Bullying*

A violência, nos últimos tempos, é um facto que preocupa cada vez mais a humanidade de forma geral, tornando-se assim um problema crónico onde os mais diversos tipos de crimes são cada vez mais comuns. Situações que pela sua persistência e pelos níveis de violência física, constituem fatores de risco comprometendo em grande escala o desenvolvimento psicológico e social das nossas crianças e jovens (Pereira, 2002).

Castro, Cunha e Souza (2011) comentam também que a violência não se restringe a agressões, inclui qualquer ato sobre a vida humana e as regras de convívio. A violência interfere na sociedade, prejudica a qualidade das relações sociais, desgasta a qualidade de vida das pessoas e culmina em sofrimento.

Um dos locais mais afetados por este fenómeno é a escola que apresenta graves níveis de indisciplina. “A escola vive atualmente alguns problemas entre os quais a violência” (Pereira, 2001, p.18).

Assim, “a violência é um mal a ser entendido sob uma ótica multifatorial e deve ser analisada por diferentes profissionais como professores, psicólogos e outros agentes educativos e técnicos de saúde”, comenta (Botelho & Souza, 2007, p.59).

Segundo Silva e Pereira (2008), a violência a que os adolescentes estão sujeitos na sociedade e em particular na escola não pode ser desinserida da violência percebida no meio ambiente. Na escola, ela pode ainda assumir formas específicas, a exemplo do *bullying* entre pares.

O *bullying* começou a ser pesquisado por volta da década de 70 na Europa, quando se descobriu o que estava por trás de tentativas de suicídio entre adolescentes. Sem receber a atenção da escola ou dos pais, que geralmente não davam importância às reclamações e ofensas, os jovens entendiam que não trariam maiores consequências e passaram a recorrer a algumas medidas desesperadas, com o propósito de dar fim a longos períodos de sofrimento e humilhação sofridos pelos mesmos, de forma permanente, (Dan Olweus, 1993). Foi então que, após o suicídio de três jovens, com idades compreendidas entre os 10 e 14 anos, na Noruega, a autoridade norueguesa passou a dar relevância ao fenómeno.

BULLYING – Não... isso magoa!

Foi após estes incidentes que Dan Olweus, um pesquisador e professor na Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo.

O *bullying* não é um problema novo, mas a sua extensão e a sua problemática só começaram a ser pesquisadas e divulgadas nas últimas décadas. Sendo um ambiente social, a escola desenvolve nos jovens a necessidade de inserção, de aceitação por parte dos outros. Todavia, nem sempre esta socialização corre bem. Há jovens que, por diversas razões, não conseguem inserir-se na própria escola ou turma; não são capazes de desenvolver uma relação de amizade, ou porque são mais tímidas ou menos sociáveis, o que provoca nos outros uma atitude adversa, tornando-as vítimas de algum tipo de discriminação ou de ameaça. Estas situações podem levar a fortes depressões que, em casos extremos, levam ao suicídio (Olweus, 1993; Fante, 2005; Beane, 2008)

A Conferência Europeia sobre iniciativas para combater o bullying nas escolas, realizada em 1998, foi um marco importante. O facto de envolver muitos países, tais como, Reino Unido, Irlanda, Itália, França, Espanha, Portugal, Grécia, Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Áustria, Bélgica, Luxemburgo e, ainda, Canadá e Estados Unidos da América, contribuiu também para um melhor entendimento deste fenómeno.

Definição/conceituação de *BULLYING*

A palavra *Bullying* é utilizada, principalmente em relação a atos de violência física ou psicológica entre crianças/adolescentes, alunos e/ou grupos de alunos, geralmente nas escolas ou suas proximidades, com ou sem razão aparente e de forma intencional e continuada. De acordo com Olweus(1991)“o aluno está a ser vítima de *bullying*/provocação, quando está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas da parte de uma ou mais pessoa”. O que hoje reconhecemos como *bullying*, era visto, até há algum tempo atrás, como atos isolados, brigas de crianças, em que normalmente, a família e a escola não tomavam qualquer atitude.

BULLYING – Não... isso magoa!

O *Bullying*, parte de uma vontade consistente e desejo de magoar ou amedrontar alguém quer física, verbal ou psicologicamente. Smith & Sharp (1994) descrevem-no como “*systematic abuse of power*”.

Já Pereira (2002, pag.16) define o bullying “por comportamentos agressivos de intimidação e que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente.”

Bullying ou comportamentos agressivos

Definir o conceito de *Bullying* parece-me deveras importante, dado poder haver o risco de confundir com outras formas de comportamento agressivo que é normalmente mais evidente em determinadas idades, principalmente em idade escolar, ou com algumas brincadeiras agressivas que pela envolvimento física dos intervenientes nos pareça grave, e que realmente não existe a intenção de magoar ou causar danos (Pereira, 2002).

A autora descreve-nos, como exemplo, que no domínio desportivo é frequente ouvirmos treinadores a pedir aos seus atletas ou jogadores para “serem agressivos”, no entanto, este comportamento do treinador não é com a intenção de causar mal ao adversário, mas sim estimular o atleta a ter uma atitude mais competitiva.

Saraiva & Pereira (2014, pag.65) salientam que um “incidente competitivo entre crianças que envolva agressividade física, como uma brincadeira para medir forças, criar hierarquia ou definir liderança de grupo, são formas de agressividade não consideradas no conceito de *bullying*”. Torna-se então evidente a diferença entre agressividade e bullying, sendo que neste comportamento existe a intencionalidade de fazer mal, dado a sua persistência e métodos violentos a que a vítima é sujeita, enquanto que os comportamentos agressivos são atos isolados e ocasionais.

Reforçando esta ideia Sampaio (2009) surge com estas afirmações: “Confunde-se *bullying* com as brincadeiras e pequenos gozos que são característicos da interacção de grupos humanos, particularmente na adolescência (...) Estas “brincadeiras” são diferentes do bullying: não pretendem humilhar os colegas, nem ofender a sua dignidade; são feitas para que todos se riem, o autor e o receptor da piada; fazem parte de muitas situações em que todos interagem, não são o centro da

BULLYING – Não... isso magoa!

preocupação dos protagonistas; o piadético é hoje o “rei”, amanhã pode ser o “bobo”, e esta frequente troca de papéis faz baixar depressa alguma ansiedade que o gozo poderá ter provocado. O *bullying* é diferente: o agressor tem mais poder, porque é mais velho, mais forte, de uma classe social diferente ou de outra etnia.”

Tipos de *Bullying*

Bullying implica atos de violência exercidos sobre alguém. Esta violência ou agressão pode surgir de múltiplas formas e tipos. Beane (2008) agrupa os vários tipos de *bullying* em três grandes grupos: físico, verbal e social/relacional. O *bullying* físico engloba “bater, dar safanões, beliscar, imobilizar, amedrontar, danificar ou destruir pertences, tirar, ou roubar objetos” (p.19). O *bullying* verbal, que pode ser “chamar nomes, insultar e amesquinhar, gozar repetidamente, fazer comentários racistas e assediar, ameaçar e intimidar, falar mal de alguém nas suas costas” (p.20). E, finalmente, o *bullying* social/relacional. Este tipo surge como mais dissimulado e mais frequente entre as raparigas. São alguns exemplos: “destruir e manipular relacionamentos, destruir reputações, excluir alguém do grupo, fazer passar vergonhas e humilhações, fazer grafitis maldosos ou pôr a circular bilhetes entre uns e outros e recorrer ao *ciberbullying*” (p.21).

Olweus (1993) distingue ainda o “*bullying* direto” e o “*bullying* indireto”, considerando que apesar de o primeiro ser mais importante de evitar, pois tem consequências mais nefastas a curto prazo, não se pode ignorar o segundo porque este implica “a exclusão de alguém do grupo” (p.65). O *bullying* direto ocorre quando há situações de confronto direto, ou seja, o agressor encontra-se frente-a-frente com a sua vítima. Este pode subdividir-se em *bullying* físico (empurrar, pontapear, bater); verbal (gozar, insultar, ameaçar) e sexual (tocar em alguém sem autorização). O *bullying* indireto, também chamado social, é quando se utiliza os rumores, falsos testemunhos, mexericos, calúnias, exclusão. Tem a ver com o *bullying* psicológico cuja intenção remete para o isolamento e para a exclusão.

Os vários tipos de *bullying* existentes podem trazer consequências muito graves para os jovens. Podem marcar a personalidade de um indivíduo para sempre tornando-o incapaz de comunicar ou com consequências ao nível das capacidades emocionais, sociais, pessoais ou profissionais, aumentando os sentimentos negativos e a baixa auto-estima. (Olweus, 1993).

Cyberbullying

O *cyberbullying* é um conceito muito presente nos dias de hoje, envolve o bullying através de usos eletrônicos, tais como por mensagens instantâneas, e-mails, *chat rooms*, *websites*, jogos *online*, redes sociais ou mensagens de texto. Existem variadas formas de *cyberbullying*, mas esta tem de ser obrigatoriamente intencional e prejudicial a alguém, de forma repetitiva, que causa um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima envolvendo dispositivos eletrônicos em ambiente virtual (Rondina, Moura & Carvalho 2016).

De acordo com Patchin e Hinduja (2015) o *cyberbullying*, na perspectiva do agressor, só é assim considerado caso este seja intencional, existindo avaliações específicas para entender se se trata de um ato propositado ou não, prevendo desta forma se poderá provocar algum tipo de prejuízo à vítima. O bullying convencional e o *cyberbullying* são diferentes em relação à repetição deste, pois o *cyberbullying* consiste na divulgação de dados pessoais da vítima, como publicação de uma imagem na web o que conseqüentemente esta será compartilhada com outras pessoas, alastrando em grande dimensão de indivíduos, portanto, não é um ato de forma direta, começa no agressor e é divulgada por outras pessoas, recebendo a vítima um *cyberbullying* repetitivo. Um ato isolado desta situação, não poderá ser considerado *cyberbullying*, no entanto, basta que uma publicação se torne viral (muitos compartilhamentos) na internet por via e-mail, redes sociais ou outros recursos eletrônicos. O mais preocupante desta modalidade virtual é de muitas vezes, a incapacidade em identificar os divulgadores/agressores das mensagens, que de forma anónima, escolhem as vítimas e passam a denegrir suas imagens (Porto & Richter, 2015).

De acordo com Fante (2005), o agressor de *cyberbullying* apresenta comportamentos delinquentes, conseqüentes de um distanciamento e falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas (que pode levar a cometer crimes), entre outros. O agressor certamente que irá adotar comportamentos delinquentes como a agregação em grupos deste tipo, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade, entre muitos outros (Porto & Richter, 2015).

Os intervenientes do *Bullying*

Todos nós, ao longo da vida, já presenciamos ou participámos em situações de agressões, assumindo o papel de agressor, vítima, observador passivo ou interveniente. Todas estas ocorrências, quer vivenciadas pelos jovens, quer apresentadas pelas redes sociais ou pelos media, pela sua persistência e pelos níveis de violência física e psicológica, representam fatores de risco que ameaçam gravemente o desenvolvimento psicológico e o bem-estar das nossas crianças e jovens.

Identificação dos Agressores

Às crianças que praticam *Bullying*, os agressores, são chamados de '*Bullies*'. No início da infância, o *bullying* geralmente é aleatório. Na juventude e na idade adulta, os alvos já costumam ser escolhidos. Segundo Midedelton-Moz e Zawadski, (2007), os *Bullies* encontram sempre algo na pessoa que pode ser motivo de 'gozo': o ser gordo ou magro demais, o usar óculos, ser muito bom em alguma disciplina, usar roupa inadequada, ser passiva ou independente demais, ter outra cor, ser de etnia diferente, outra religião, diferente orientação sexual, etc.

Os agressores são normalmente crianças oriundas de famílias desestruturadas, com baixo rendimento escolar, revelam atitudes delinquentes, um desejo de domínio, poder e intimidação, uma atitude tirânica recorrente. Geralmente são jovens fortes e têm idade superior à média do grupo, apresentam uma atitude e envolvimento escolar negativas, têm dificuldades de auto-controle e uma apetência enorme para se envolverem em conflitos, no entanto apresentam uma auto-estima elevada e as suas relações interpessoais são mais vastas (Matos, 2009).

Identificação das vítimas

A literatura identifica dois tipos de perfis de vítimas da agressão. As vítimas passivas, que constituem o tipo mais comum, tendem a ser inibidas, submissas ou não assertivas (Olweus, 1993). Matos (2009, p. 31) referem que "Estes alunos são alvos fáceis já que não têm tendência a retaliar, apresentando, além disso, reacções emocionais muito negativas em resposta aos actos agressivos, reforçando, assim, o

BULLYING – Não... isso magoa!

comportamento dos agressores e aumentando a probabilidade de ocorrências futuras. Pelo contrário, as vítimas agressivas têm tendência a reagir, evidenciando fracas competências de controlo dos impulsos, envolvendo-se frequentemente em actos violentos”. Olweus (1992) e Beane (2008) referem ainda uma terceira categoria: a vítima provocadora, referindo ser aquela que atrai e provoca reações agressivas, uma vez que, normalmente, é imatura e possui costumes irritantes que provocam outros. Os mesmos autores salientam ainda que as vítimas típicas (passivas) representam a maior fatia do grupo de vítimas.

Os observadores e os assistentes incentivadores dos agressores.

Assistentes e incentivadores dos agressores, são aqueles que apoiam e seguem passivamente os agressores líderes, divertem-se e proporcionam audiência ao agressor. Estas crianças têm características similares às dos agressores, mas nunca se envolvem diretamente.

Segundo Beane (2008), enquanto testemunha, o jovem “tem a escolha de fazer parte da solução ou do problema de bullying”. Quando não se envolvem, “juntam-se à maioria silenciosa que permite que o bullying aconteça”. Existem várias razões que contribuem para o silêncio nomeadamente porque temem o agressor e/ou os seus seguidores; outras vezes porque desconhecem como podem ajudar e também porque consideram que não vale a pena denunciar porque podem ser alvo de retaliações e suspeitam que os adultos nada farão.

Causas do *bullying*

Matos (2009) destaca três factores causadores de comportamento violento: factores biológicos, em que a criança apresenta uma predisposição biológica para a agressividade; factores ambientais e interpessoais, em que comportamentos agressivos no meio familiar, gera no individuo um comportamento de espelho; factores de personalidade em que o individuo pode apresentar uma perturbação a nível de personalidade apresentando um desrespeito pelo outro e uma dificuldade de manter relações sócio-emocionais.

Porquê agredir?

Querer ser mais popular, sentir-se poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo. Isso tudo leva o autor do *bullying* a atingir o colega com repetidas humilhações ou depreciações. É uma pessoa que não aprendeu a transformar sua raiva em diálogo e para quem o sofrimento do outro não é motivo para ele deixar de agir. Pelo contrário, sente-se satisfeito com a opressão do agredido, supondo ou antecipando quão dolorosa será aquela crueldade vivida pela vítima, conclusões retiradas segundo *Olweus Bullying Prevention Program(OBPP)*.

O comportamento violento em contexto escolar.

A sociedade vive momentos conturbados e a escola acaba por ser um reflexo desses momentos. Este fenómeno não está imune à época conturbada em que vivemos onde a crise social e económica propicia o aumento dos episódios de violência e a banalização dos mesmos.

A difícil e árdua tarefa de educar pressupõe que haja uma efetiva interação de todos os elementos da comunidade educativa. (Beane, 2008) Segundo este autor, tem de haver “um esforço sistemático em cada escola. É imperativo que haja um empenho global ao nível de todo o sistema, para que seja possível prevenir e acabar com o *bullying*”.

O *bullying* tem motivado muitos investigadores a estudarem os motivos que levam a agressões frequentes, à perda de valores e à falta de respeito nas relações entre pares. A sociedade atual é demasiado permissiva face a este fenómeno porque vulgariza as situações de agressão justificando-as como pontuais. (Fante, 2005; Neto, 2005). No entanto, e na opinião de Costa e Vale (1998), o *bullying* não se encontra limitado à agressividade física, podendo ser considerados vários comportamentos agressivos, violentos e negativos, tal como chamar nomes ofensivos e humilhantes ou atribuir alcunhas cruéis; dizer coisas desagradáveis, incómodas ou constrangedoras acerca de determinada pessoa; espalhar rumores ou enviar recados insultuosos, intimidativos ou ameaçadores, provocando medo, temor e sofrimento na vítima; difamar; perseguir, assediar e aterrorizar de forma sistemática e persistente; ignorar, excluir ou isolar socialmente; agredir fisicamente; violentar sexualmente ou mesmo roubar, danificar ou destruir bens pessoais de outrem.

BULLYING – Não... isso magoa!

A escola pode ser palco de todos esses comportamentos, transformando a vida escolar de muitos alunos num verdadeiro terror. O comportamento agressivo ou violento pode atingir um limiar considerado, clinicamente, é considerado uma perturbação comportamental, definida pela Associação Americana de Psiquiatria como: «comportamento repetitivo e persistente em que são violados os direitos básicos dos outros ou importantes regras ou normas sociais próprias da idade, durante um período de tempo superior a seis meses.» (American Psychiatric Association, 2002). Estes comportamentos podem causar desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento humano. Para minimizar este problema, é necessário que toda a comunidade educativa, tal como os pais, estejam alertas para o fenómeno tornando-se capazes de identificar tais situações.

Como identificar os envolvidos no *bullying*?

Para que uma criança ou adolescente seja identificado como vítima ou agressor, pais e professores precisam ter atenção se o mesmo apresenta alguns dos comportamentos abaixo citados, *Bullying*, (18 de Maio 2011):

<u>VÍTIMAS nas escolas</u>	<u>AGRESSOR nas escolas</u>
<ul style="list-style-type: none">☞ Falta de vontade e medo de ir à escola;☞ Baixa auto-estima;☞ Durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto;☞ Na sala de aula tem dificuldade em falar diante dos outros, mostrando-se inseguro ou ansioso;☞ Nos jogos em equipa é o último a ser escolhido;☞ Apresenta-se sempre com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito;☞ Desleixo gradual nas tarefas escolares;☞ Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural;☞ Falta às aulas com certa frequência;	<ul style="list-style-type: none">☞ Faz brincadeiras de mau gosto, além de rir de modo desdenhoso e hostil;☞ Coloca apelidos ou chama pelo nome e sobrenome dos colegas, de forma maldosa;☞ Insulta, menospreza, ridiculariza, difama;☞ Faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga;☞ Incomoda, intimida, empurra, bate, dá socos e pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos;☞ Rouba materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences dos outros colegas, sem consentimento.

BULLYING – Não... isso magoa!

☞ Perde constantemente os seus pertences.	
-------------------------------------------	--

Consequências na vítima

Vários estudos indicam que crianças que sofreram de *Bullying* são mais propensas a casos de depressão e de baixa auto-estima, quando adultos. Poderão demonstrar comportamentos antisociais que poderá causar instabilidade no trabalho e até mesmo na vida social. Em casos extremos, resultado direto da vitimação, poderão cometer suicídio.

Pereira (2002), refere desta forma as **consequências para as vítimas**:

- Vidas infelizes, destruídas, sempre sob a forma de medo;
- Perda de autoconfiança e confiança nos outros, falta de auto-estima e autoconceito negativo e depreciativo;
- Falta de concentração;
- Morte (muitas vezes suicídio ou vítima de homicídio)
- Dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta, nomeadamente problemas nas relações íntimas.

Consequências para os agressores:

- Vidas destruídas;
- Crença na força para a solução dos seus problemas;
- Dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advêm, compreendendo as dificuldades na inserção social;
- Problemas de relacionamento afetivo e social;
- Incapacidade ou dificuldade de autocontrolo e comportamentos anti-sociais.

Como se pode verificar, tanto para as vítimas como para os agressores, existem consequências graves imediatas e a longo prazo. Outros estudos falam-nos de consequências para os observadores passivos, aqueles que presenciam mas que

nada fazem, apresentando estes, sinais de incompreensão do contexto de *Bullying*, (Cowie; Murray & Brooks, 1996).

Prevenção

O *Bullying* e a agressão entre pares já são considerados um problema de saúde pública. Assim, há que apostar na prevenção e esta é a melhor forma de o evitar. Segundo Beane (2008), “para que se consiga prevenir e reduzir o *bullying*, é necessário que haja um esforço sistemático em cada escola. É imperativo que haja um empenho global, ao nível de todo o sistema”. É necessário também que se assuma o problema, e que todos os professores e demais profissionais ligados ao espaço escolar, passem a ter um olhar mais observador sobre este fenómeno.

Segundo alguns investigadores como Olweus (1993); Smith e Sharp (1994); Pereira (2002), a prevenção da violência e do bullying nas escolas requer a definição rigorosa de estratégias e a aplicação cuidada e devidamente monitorizada de medidas de intervenção e prevenção contextualizadas e adequadas à realidade institucional. Implica igualmente um envolvimento e comprometimento de toda a comunidade educativa, devidamente informada/esclarecida e munida das ferramentas e competências necessárias, implicando assim alunos, educadores/professores, assistentes operacionais, psicólogos, terapeutas e demais agentes educativos, bem como pais e encarregados de educação, famílias e outros elementos da comunidade envolvente, ou seja, uma intervenção multidisciplinar, consistente e sistemática, sustentada por políticas públicas locais e globais, capazes de combater com sucesso este complexo e abrangente fenómeno. E, quando bem definidas e aplicadas, as medidas implementadas pela instituição escolar para prevenir e combater os comportamentos de bullying ou outras formas de violência, terão, certamente, maior probabilidade de alcançar resultados positivos e contribuir para um ambiente escolar mais seguro, motivador de aprendizagem e orientado para a não-violência, onde todos se possam sentir verdadeiramente felizes, confiantes, aceites e respeitados.

Podemos considerar como forma preventiva a implementação do novo Estatuto do Aluno, Lei nº51/2012, de 05 de setembro, que nos trás novas medidas corretivas e sancionatórias e que visa uma maior flexibilidade de agilização das mesmas. O objetivo da Lei é apostar no estabelecimento de uma nova cultura de disciplina, esforço e mérito, na maior responsabilização de alunos e pais ou encarregados de

BULLYING – Não... isso magoa!

educação e no reforço da autoridade efetiva dos professores e do pessoal não docente, podendo assim exercer um efeito positivo no ambiente escolar.

Segundo esta Lei, e salientando os aspectos que se pensa ser mais importantes neste contexto, transcreve-se o artigo 2º, que nos diz: “ o Estatuto prossegue os princípios gerais e organizativos do sistema educativo português (...) promovendo, em especial, o mérito, a assiduidade, a responsabilidade, a disciplina, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola (...)”, etc. Também prevê que os alunos tenham uma cultura de cidadania (artigo 6ª) e contempla que não podem ser discriminados por razão nenhuma e têm o direito de “ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e moral (...) nos termos da lei e do respetivo regulamento interno” (artigo 7º). Este estatuto dá especial relevo ao bom clima da escola de forma a evitar conflitos. No artigo 10º salienta a importância da “harmonia da convivência escolar” respeitando a “integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa, não praticando quaisquer atos, designadamente violentos, independentemente do local ou meios utilizados (...)”.

É importante referir que este documento ampliou as penalizações trazendo mais medidas preventivas, corretivas e sancionatórias, a nível disciplinar. Obviamente que estas medidas “prosseguem finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração, visando de forma sustentada o cumprimento dos deveres dos alunos” (artigo 24º). A legislação prevê, igualmente, que estas medidas estejam contempladas no regulamento interno da escola (artigo 26º, ponto 6 e 9), que deve ser dado a conhecer a todos os elementos da comunidade educativa.

Outro aspeto a salientar nesta Lei prende-se com o facto de prever a criação de equipas multidisciplinares “destinadas a acompanhar em permanência os alunos, designadamente aqueles que revelem maiores dificuldades de aprendizagem, risco de abandono escolar, comportamentos de risco ou gravemente violadores dos deveres dos alunos” (artigo 35º). Estas equipas têm uma constituição diversificada; são compostas por professores, técnicos especializados, psicólogos, diretores de turma, serviços de ação social, gabinetes escolares, entre outras, tendo como principais objetivos inventariar as situações problemáticas; promover medidas de integração e inclusão do aluno; atuar preventivamente; supervisionar a aplicação das medidas corretivas; aconselhar e propor percursos alternativos; propor parcerias; estabelecer ligação com a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em risco; promover sessões de capacitação parental, etc. (artigo 35º).

BULLYING – Não... isso magoa!

Outra medida prevê a responsabilidade civil e criminal, por motivos de urgência, quando o comportamento do aluno maior de 12 e menor de 16 anos puder constituir facto qualificado como crime (artigo 38º). Caso o menor tenha menos de 12 anos a comunicação deve ser dirigida à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens. Aqui também os pais e/ou encarregados de educação passam a ter direitos e deveres sobre os incumprimentos que os seus filhos e/ou educandos possam fazer nomeadamente, podem vir a ser responsabilizados pelos deveres de matrícula, pela não comparência nas escolas sempre que os filhos atinjam o limite de faltas e pela “não realização, pelos seus filhos, das medidas de recuperação definidas pela escola, das atividades de integração na escola e na comunidade decorrentes da aplicação de medidas disciplinares corretivas e/ou sancionatórias” (artigo 44º).

Contudo, não será esta legislação que irá impedir episódios de violência nas escolas mas as medidas que preconiza são uma base útil para conceber e implementar projetos *antibullying* nas escolas, quer a nível de intervenção quer como medida prevenção.

PARTE II

Metodologia

Objetivo

Pretendemos com este estudo perceber qual a prevalência e as características da vitimização e da agressão através de *bullying* numa escola básica do 2º e 3º ciclo da grande Lisboa, neste caso inquirindo apenas o 3º ciclo.

Avaliar a forma e frequência do *bullying* na população alvo, através do levantamento dos valores de vitimização nos alunos durante o período estudado.

Por fim, analisar as características específicas dos comportamentos de vitimização e agressão por *bullying*.

Metodologia

Como opção metodológica optamos por um trabalho/estudo de pesquisa, como objetivo de perceber se existe alguma prevalência e a característica dos comportamentos agressivos e de vitimização, através do *bullying*, em contexto escolar, sob o ponto de vista dos alunos do 3º ciclo. Este serviu para reforçar o estudo desenvolvido no enquadramento teórico e permitirá tirar conclusões que possam ajudar as escolas a prevenir e intervir no *bullying*.

Amostra

Este estudo foi aplicado a alunos dos 3 níveis a que se refere o 3º ciclo do ensino básico. Da amostra pretendida resultaram 74 questionários previamente autorizados pelos encarregados de educação e posteriormente respondidos pelos alunos, destes 28,4% (n= 21) são do sexo masculino e 71,6% (n= 53) do sexo feminino. O intervalo de idades nos jovens situa-se entre os 12 e os 17 anos e a idade, sendo que a média é de 14 anos.

Foram seleccionadas duas turmas por ano, sendo que quatro delas eram as turmas que eu acompanhei no decorrer do meu estágio, mais precisamente duas turmas de 7º e duas do 9º ano. Nestas turmas o questionário foi respondido na minha presença e do professor cooperante. Nas restantes duas turmas do 8º ano, foram os próprios professores titulares da turma a aplicá-los.

BULLYING – Não... isso magoa!

Uma apresentação mais detalhada é apresentada no seguinte quadro:

Ano de escolaridade	Alunos	Rapazes	Raparigas
7º ano	27	11	16
8º ano	23	7	16
9º ano	24	4	20

Tabela I – representação da amostra por género e ano de escolaridade.

Instrumento

O instrumento de avaliação utilizado foi um questionário, sendo este uma adaptação do questionário de Dan Olweus (1989) realizado por Beatriz Oliveira e Ana Tomás. UM/CEFOPE, 1994 e revisto por Beatriz O. Pereira em 2006 UM/IEC e validado por Melim (2011). Este questionário foi aplicado no decurso do 3º período e contei com a ajuda de dois professores de Educação física.

Descrição do questionário

O referido questionário é constituído por vinte e quatro questões, distribuídas por três blocos. As primeiras sete questões do bloco I servem para conhecermos melhor os inquiridos nomeadamente, as suas idades, sexo, nível de escolaridade, anos de pré-escolar, retenções e constituição do agregado familiar. Seguidamente no bloco II pretende-se conhecer a percentagem de alunos que são vítimas de *bullying*, os tipos de agressão existentes e quais as mais comuns, o local onde essas ocorrem, e a sua frequência, o conhecimento que têm dos seus agressores (se são de várias turmas e diferentes ciclos), o número de vezes que foram agredidos, o número de elementos envolvidos, se professores e/ou funcionários tentaram parar a violência, se contaram a alguém ou mesmo se viram e tentaram defender algum colega da agressão por parte de outros. Por último no bloco III, procurou-se saber quantas vezes que o inquirido agrediu alguém na escola, se foi para se defender, porque o irritaram, para mostrar que é forte, para se sentir que é melhor que os outros, para ser admirado ou popular ou por outro motivo qualquer. E também procurou-se saber se alguma vez tomou parte em agressões por parte de outros jovens, a colegas ou se era capaz de ajudar alguém a agredir outro colega.

BULLYING – Não... isso magoa!

A escolha deste questionário com estas questões, permitiu-nos ter um maior conhecimento da realidade desta escola, identificando e caracterizando os grupos previamente estabelecidos de acordo com os papéis desempenhados em situações agressivas e de intimidação (*bullying*).

Análise dos dados e procedimentos estatísticos

Para efeitos de análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos foram submetidos a processamento electrónico, usando-se o software Statistical Package for the Social Sciences-(SPSS) –Windows(versão 23.0).

Começamos assim por fazer uma análise descritiva dos resultados obtidos através indicadores como frequências e percentagens. A estatística descritiva permite-nos organizar, resumir, tabelar e descrever o conjunto dos dados que serão apresentados quer de forma gráfica, quer de forma tabular.

PARTE III

Apresentação e análise dos resultados

Definição dos grupos de envolvimento no bullying

Após uma primeira análise realizada aos dados e de acordo com a frequência dos comportamentos constatados, quer de vitimização quer de agressão, pudemos constatar que alguns alunos que declararam terem sido vítimas também assumiram agredir os colegas noutras ocasiões e vice-versa. Existindo também o caso de serem somente vítimas ou assumirem-se só agressores.

Posto isto e tal como aconteceu noutros estudos (Melim, 2011; Costa & Pereira, 2010) também nós sentimos a necessidade de definir quatro grupos, conforme a prevalência dos comportamentos registados são eles: os não envolvidos; as vítimas; os agressores e as vítimas agressoras.

Tabela II – Prevalência do tipo de envolvimento em situações de *bullying*

Tipos de envolvimento		Amostra	
		N	%
	Não envolvidos	61	82,4%
	Vítimas	13	17,6%
	Agressores	5	6,8%
	Vítimas agressoras	3	4,0%

Conscientes de que alguns estudos contabilizam como situações de agressão e/ou vitimação, aquelas que ocorreram mais de três vezes durante o período, no presente estudo consideramos como frequência mínima 1 ou 2 vezes no período. Tomámos tal posição, pelo simples facto de a natureza destas acções constituírem por si, um sinal de alerta.

Identificação das vítimas

Com este estudo pretendemos identificar a prevalência de alunos envolvidos em comportamentos de *bullying* na escola. Como podemos observar na tabela, e segundo os resultados obtidos da primeira pergunta do questionário “Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal?”, 85,1% (n=63) referem que nunca foram agredidos nem estiveram envolvidos em práticas de *bullying*, enquanto 6,8% (n=5) dos alunos admitem que já foram agredidos 1 ou 2 vezes, em uma percentagem idêntica dos alunos 8,1% (n=6) referem que foram agredidos 3, 4 ou mais vezes. Analisando estes

BULLYING – Não... isso magoa!

valores e numa opinião pessoal, a maior prevalência de respostas, deve-se a duas situações, a primeira podem realmente nunca terem sido vítimas destes actos e daí responderem que nunca foram agredidos, e a segunda situação deve-se ao facto de ser constrangedor e difícil para as vítimas assumirem que já foram alvos destes actos e daí terem respondido que nunca foram agredidos.

Importa ainda salientar que os resultados desta análise foram realizados com base na pergunta “desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal?”, no entanto, chegando à sétima pergunta “quantas vezes te fizeram mal no caminho da escola este período” deparámo-nos com mais dois casos de violência que serão considerados nas análises seguintes.

Tabela III - Prevalência do tipo de envolvimento em situações de *bullying*

Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal					
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Nenhuma	63	85,1	85,1	85,1
	1 ou 2 vezes	5	6,8	6,8	91,9
	3 ou 4 vezes ou +	6	8,1	8,1	100,0
	Total	74	100,0	100,0	

Vitimização por género

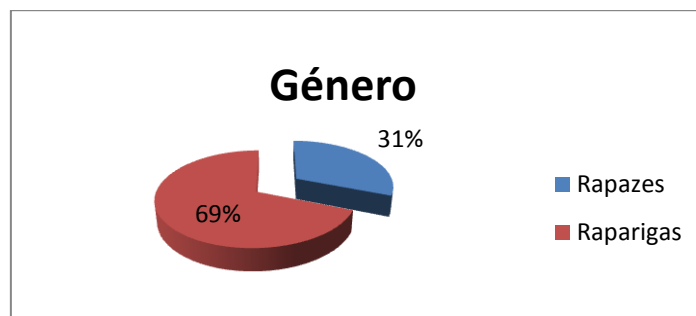
De um total de 74 alunos, uma média de um em cinco alunos reportaram terem sido agredidos (17,6%; n=13) pelo menos uma vez e através de alguma forma durante os últimos dois meses (correspondentes ao 3º período), com as raparigas a manifestar uma maior probabilidade de reportar a vitimização do que os rapazes, como podemos constatar na tabela seguinte.

Tabela IV - Vitimização por *bullying* em função do género dos alunos

		Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal (escola / a caminho)			Total
		Nenhuma	1 ou 2 vezes	3, 4 ou + vezes	
Género	Rapaz	17	2	2	21
	Rapariga	44	5	4	53
Total		61	7	6	74

Podemos verificar a descrição percentual por género no gráfico que se segue.

Gráfico 1



Vitimização em função da idade

Na vitimização em função da idade, e na totalidade da amostra em estudo, verificamos que a prevalência de resposta à pergunta “quantas vezes já te fizeram mal?” é a de 82,4% (n=61) que nunca sofreram qualquer agressão por parte de outros no entanto, 17,6% (n=13) dos alunos reportaram terem sido já agredidos pelo menos uma vez e através de alguma forma durante os últimos dois meses (correspondentes ao 3º período). É na faixa etária dos 14 anos que verificamos um maior número de vítimas (n=4), nos restantes casos a prevalência é 2 a 3 casos por faixa etária, sendo que os relatos tendem a diminuir nos alunos mais velhos.

Tabela V - Vitimização por *bullying* em função da idade

Tabela V - Vitimização por *bullying* em função da idade

		Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal (escola / a caminho)						Total
		Idade						
		12,00	13,00	14,00	15,00	16,00	17,00	
Nenhuma	Total	12	12	25	11		1	61
Algumas vezes	Total	3	2	4	3	1		13
Total		15	14	29	14	1	1	74

Neste estudo são as raparigas que mais reportam situações de vitimização (9 casos) nas idades compreendidas entre os 12 e 16 anos sendo que temos (n=2) casos

BULLYING – Não... isso magoa!

relatados aos 12 e 15 anos, 1 caso nas idades de 13 e 16 anos e aos 14 anos 3 casos. Nos rapazes detectámos 4 casos nas idades compreendidas entre os 12 e 15 anos (1 vítima por faixa etária). Não existe nenhum relato de vitimização em alunos com 17 anos.

Tabela VI – Vitimização em função da idade e género

Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal (escola/caminho da escola)		Idade						Total
		12	13	14	15	16	17	
Rapaz	Nenhuma	3	5	8	1	0	0	17
	Algumas vezes	1	1	1	1	0	0	4
Rapariga	Nenhuma	9	7	17	10	0	1	44
	Algumas vezes	2	1	3	2	1	0	9
Total		16	14	29	15	1	1	74

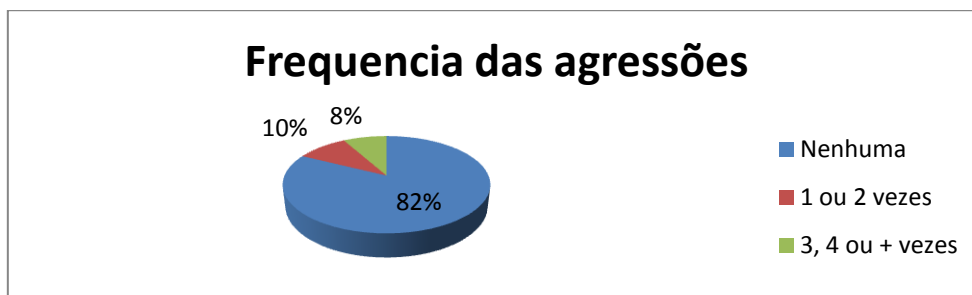
A frequência do *bullying*

Ao examinarmos a vitimização através do *bullying* encontrada neste estudo de acordo com a frequência percebemos que o número dos alunos atingidos é idêntico nas duas frequências identificadas: 1 ou 2 vezes durante os últimos dois meses com 9,5% (n=7) enquanto que 8,2% (n=6) refere que vivenciou este tipo de agressões 3, 4 ou + vezes. Daí considerarmos, no âmbito deste trabalho, que o *bullying* perpetrado 1 ou 2 vezes é ligeiramente mais frequente que aquele que ocorre apenas 3, 4 ou mais vezes.

Tabela VII – Frequência do *bullying*

		Frequência	Porcentagem válida
Frequência de agressões	Nenhuma	61	82,4
	1 ou 2 vezes	7	9,5
	3, 4 ou + vezes	6	8,1
	Total	74	100,0

Gráfico 2



A frequência em função do género

Quando analisamos a frequência da vitimização em função do género dos alunos verificamos que as vítimas do sexo feminino estiveram de facto mais expostas ao *bullying*, no entanto a frequência da vitimização acontece de uma forma muito similar nos dois casos (5 vítimas agredidas 1 ou 2 vezes; 4 vítimas agredidas 3, 4 ou mais vezes). Nos 4 casos de rapazes vitimados, 2 aconteceram 1 ou 2 vezes enquanto os outros 2 aconteceram 3, 4 ou mais vezes no período estudado.

Tabela VIII – Frequência do *bullying* por género

		Frequência de agressões			Total
		Nenhuma	1 ou 2 vezes	3, 4 ou + vezes	
Género	Rapaz	17	2	2	21
	Rapariga	44	5	4	53
Total		61	7	6	74

As diferentes formas de vitimização e o género

Ao analisarmos na Tabela IX as formas de agressão mais comuns entre os alunos vitimizados (n=13), destacamos duas formas verbais: a direta ou “chamar nomes feios”, afetando quase a totalidade dos alunos agredidos (11,0%; n=9), e igualmente a forma relacional indireta “falar de mim ou dizer segredos sobre mim”, que afeta em igual número as vítimas (11,0%; n=9) e só depois aparece a forma física direta “bateram-me, deram-me murros ou pontapés”, reportada por apenas 1/4 dos alunos vitimados (2,4%; n=2) da amostra. Em igual proporção aparece também o

BULLYING – Não... isso magoa!

“espalhar mensagem através de telemóvel ou internet” (2,4%; n=2), e “outras coisas” (2,4%; n=2). Por último só um aluno reporta ter sido agredido sob a forma de “ameaçar, meter medo” numa percentagem de 1,2% da totalidade da amostra.

Importa realçar ainda a frequência das formas de vitimização que, como pudemos verificar analisando as duas tabelas VII e VIII, situa-se nas duas formas de vitimização numa frequência de 1 ou 2 vezes no período estudado.

Nesta questão os alunos tinham a possibilidade de assinalar, mais do que uma resposta.

Tabela IX – Formas de vitimização

FORMAS DE <i>BULLYING</i>	VITIMIZAÇÃO POR UMA OU MAIS FORMAS							
	UMA FORMA		DUAS FORMAS		TRÊS FORMAS		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Bater, dar murros e pontapés	0	0	1	1,2%	1	1,2%	2	2,4%
Roubar, tirar	0	0	0	0	0	0	0	0
Pedir e não devolver	0	0	0	0	0	0	0	0
Meter medo, ameaçar	0	0	1	1,2%	0	0	1	1,2%
Chamar nomes	1	1,2%	6	7,2%	2	2,4%	9	11,0%
Falar de mim, segredos	2	2,4%	5	6,0%	2	2,4%	9	11,0%
Não lhe falam	0	0	0	0	0	0	0	0
Espalhar mensagens (sms)	1	1,2%	0	0	1	1,2%	2	2,4%
Insultar pela cor ou raça	0	0	0	0	0	0	0	0
Deixam-me só	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras coisas	1	1,2%	1	1,2%	0	0	2	2,4%
Total	5	5,8%	14	16,8%	6	7,2%		

De acordo com os resultados algumas das formas de agressão mais usuais não são sofridas pelos dois géneros na mesma proporção. Os rapazes queixam-se mais frequentemente da agressão direta e física, tais como, “bater, dar murros e pontapés” (rapazes 8,7%; n=2) enquanto nenhuma das raparigas reporta ter sido agredida desta forma. Já na agressão indireta e relacional, tais como, “falar de mim, contar segredos” são as raparigas que mais se queixam (raparigas 13,6%; n=8) enquanto nos rapazes só um reclama esta forma de agressão (4,3%; n=1). Da análise às diferentes formas de agressão percebemos que a prevalência da vitimização se situa nas duas formas diferentes de agressão (n=14; 16,8%).

Nota: nesta questão os alunos podiam assinalar mais que uma resposta.

BULLYING – Não... isso magoa!

Tabela X – Formas de agressão por género (RAPAZ)

RAPAZ		Responses		Percent of Cases
		N	Percent	
Forma de agressão	Bateram-me deram-me murros e pontapés	2	8.7%	10.5%
	Ameaçaram-me, meteram-me medo	1	4.3%	5.3%
	Chamaram-me nomes feios	3	13.0%	15.8%
	Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim	1	4.3%	5.3%
	Fizeram-me outras coisas	2	8.7%	10.5%
	Ninguém me fez mal	14	60.9%	73.7%
Total		23	100.0%	121.1%

Tabela XI – Formas de agressão por género (RAPARIGA)

RAPARIGA		Responses		Percent of Cases
		N	Percent	
Forma de agressão	Chamaram-me nomes feios	6	10.2%	11.5%
	Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim	8	13.6%	15.4%
	Espalham mensagens (sms) via telemóvel ou internet para me fazerem mal	2	3.4%	3.8%
	Ninguém me fez mal	43	72.9%	82.7%
	Total	59	100.0%	113.5%

Nos dois géneros o “chamar nomes feios” é o tipo de agressão mais frequente, embora seja significativamente mais utilizado pelas raparigas. Enquanto nos rapazes 2/3 das vítimas (13,0%; n=3) se queixaram desta forma de *bullying*, nas raparigas este tipo de agressão sobe para atingir (10,2; n=6) das vítimas deste género. Importa aqui destacar a forma de agressão mais utilizada pelo género feminino “andar a falar de mim, dizer segredos” (13,6%; n=8) que atinge quase a totalidade dos relatos.

Locais de agressão

Quando perguntamos os locais onde sofreram as agressões os alunos reportaram uma maior vitimação no recreio e na sala de aula, sendo que é no recreio que mais acontece o fenómeno do bullying (12,8%; n=10). A sala de aula é referida

BULLYING – Não... isso magoa!

por (7,7%; n=6) dos alunos. “Noutro sítio” é somente referido por (n=2; 2,6%) e por fim as restantes opções são referidas igualmente com a frequência de um aluno (1,3%).

Nota: nesta questão os alunos podiam assinalar mais que uma resposta.

Tabela XII – Locais mais frequentes de vitimização

		Respostas		% de casos
		N	%	
Locais onde ocorre o <i>bullying</i>	Em lado nenhum	56	71.8%	80.0%
	Nos corredores e nas escadas	1	1.3%	1.4%
	No recreio	10	12.8%	14.3%
	Na sala	6	7.7%	8.6%
	Na cantina	1	1.3%	1.4%
	Nas casas de banho	1	1.3%	1.4%
	Nos balneários	1	1.3%	1.4%
	Noutro sítio	2	2.6%	2.9%
Total		78	100.0%	111.4%

Quem agride e idade

Ao analisarmos as respostas à pergunta sobre a origem dos colegas que agredem verificamos que a grande maioria responde que são da mesma turma (14,7%; n=11) enquanto que (4,0%; n=3) respondem ser de outra turma. (Tabela XIV)

No que diz respeito à idade, a maioria dos alunos refere que os seus agressores são da mesma idade (16,0%; n=12) enquanto que 2,7% (n=2) afirmam serem mais velhos e um aluno só refere que são mais novos.

Nota: nestas questões os alunos podiam assinalar mais que uma resposta.

Tabela XIII – Idade dos que agredem

		Respostas		Percentof Cases
		N	Percent	
Idade <i>bullying</i>	Ninguém se meteu comigo	60	80.0%	81.1%
	São da minha idade	12	16.0%	16.2%
	São mais velhos	2	2.7%	2.7%
	São mais novos	1	1.3%	1.4%
Total		75	100.0%	101.4%

BULLYING – Não... isso magoa!

Tabela XIV – Origem de quem agride

		Respostas		% Casos
		N	%	
De que turma são?	Da minha turma	11	14,7%	15,0%
	De outra turma	3	4,0%	4,1%
	Ninguém se meteu comigo	61	81,3%	83,5%
Total		75	100%	102,6%

Atitude dos professores e funcionários face o Bullying

Segundo os alunos da escola, quase $\frac{3}{4}$ não tinham opinião sobre a atitude dos professores e funcionários (70%; n=49) (64,3; n=45) respetivamente. Quanto aos que tinham opinião, a percentagem dos alunos que afirmou que os professores ou funcionários intervinham “quase nunca” ou “às vezes” é muito idêntica, como podemos verificar na tabela abaixo. Por fim existe uma diferença nas respostas quando respondem que professores e funcionários intervêm com muita frequência (professores 1,4%; n=1; funcionários 8,6%; n=6). O facto de os funcionários serem por vezes mais chagados aos alunos e de vigiarem os recreios, pode ter contribuído para estes valores.

Tabela XV – Atitude dos professores e funcionários, na opinião dos alunos

Quantas vezes professores ou funcionários tentaram impedir				
	Professores		Funcionários	
	Frequência	%	Frequência	%
Não sei	49	70,0	45	64,3
Quase nunca	10	14,3	9	12,9
Às vezes	10	14,3	10	14,3
Muitas vezes	1	1,4	6	8,6
Total	70	100,0	70	100,0

Comunicar a alguém as ocorrências do *Bullying*

Ao analisarmos as respostas ao facto de terem comunicado ou não a alguém o sucedido, verificamos que a percentagem dos alunos vitimizados que não disseram a ninguém que tinham sido agredidos por colegas é igual aos que disseram aos amigos (n=5; 7,0%), de seguida temos os que disseram só a um ou dois amigos (n=4; 5,0%). Com menor frequência seguem-se os que já disseram ao diretor de turma de igual número com os que transmitiram aos pais (n=3; 4,0%) e, por fim, temos um aluno (n=1; 1,0%) que disse ao psicólogo da escola e outro que disse ao irmão (ã).

Nota: nesta questão os alunos podiam assinalar mais que uma resposta.

Tabela XVI – Comunicar a agressão a alguém

Dizer a alguém	Responses		Percent of Cases
	N	Percent	
Não envolvidos	54	71,0%	76,0%
Não disse a ninguém	5	7,0%	7,0%
Sim, disse a um ou dois amigos	4	5,0%	5,6%
Sim, disse aos meus amigos	5	7,0%	7,4%
Sim, disse ao professor ou diretor de turma	3	4,0%	4,2%
Sim, disse aos meus pais ou encarregado de educação	3	4,0%	4,2%
Sim, disse a um irmão ou irmão	1	1,0%	1,4%
Sim, disse ao psicólogo da escola	1	1,0%	1,4%
Total	76	100,0%	107,2%

Atitude perante um colega vítima

Ao analisamos a atitude perante os actos de *bullying* constatámos que a grande maioria dos alunos “tenta ajudar como pode” (26,1%; n=29) ou “chama alguém para ajudar” (27,9%; n=31). Outra das respostas que obteve uma percentagem relevante foi a de que “ajuda mesmo que não conheça” (24,3%; n=27). Nas restantes respostas dos alunos (n=12; 10,8%) disseram que não ajudavam por não ser nada com eles e 5,4% (n=6;) assumiram que nada faziam mas acham que deveriam, o que demonstra uma

BULLYING – Não... isso magoa!

atitude de medo perante o que viram. Na restante amostra (n=5; 4,5%) dos alunos afirma que ajuda só se for amigo (a), e por fim só um aluno disse que não ajuda porque depois podiam vingar-se dele.

Tabela XVII - sobre as atitudes perante o fenómeno

O que faz quando vê	Responses		Percent of Cases
	N	Percent	
Nada, não é nada comigo	12	10.8%	16.7%
Nada, mas acho que deveria ajudar	6	5.4%	8.3%
Nada porque podem vingar-se em mim	1	0.9%	1.4%
Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso	29	26.1%	40.3%
Chamo alguém para ajudar	31	27.9%	43.1%
Ajudo só se for meu amigo ou amiga	5	4.5%	6.9%
Ajudo mesmo que não conheça	27	24.3%	37.5%
Total	111	100.0%	154.2%

Nota: nesta questão os alunos podiam assinalar mais que uma resposta.

BULLYING – Não... isso magoa!

Agressão e género

A percentagem de alunos que assumem ter praticado pelo menos uma agressão/*bullying*, durante o período estudado (cerca de dois meses), é de 7,1% (n=5), quase metade dos alunos que reportaram terem sido vitimizados pelo menos uma vez durante o mesmo período (14,9%; n=11). No entanto, são os rapazes (n=4), aqueles que mais assumem terem agredido outros no período a que se refere o estudo, comparativamente com as raparigas em que só uma afirma ter agredido alguém.

Tabela XVIII – Agressão de acordo com o género

Quantas vezes fizeste mal a outro(s) colega(s) na escola este período		Género		Total
		Rapaz	Rapariga	
	Nenhuma	15	50	65
	1 ou 2 vezes	4	1	5
Total		19	51	70

Tabela XIX - Frequência de agressores

Quantas vezes fizeste mal a outro(s) colega(s) na escola este período					
		Frequency	Percent	ValidPercent	CumulativePercent
Valid	Nenhuma	65	86.7	92.9	92.9
	1 ou 2 vezes	5	6.7	7.1	100.0
	Total	70	93.3	100.0	
Missing	System	5	6.7		
Total		75	100.0		

Agressão e idade

Ao analisarmos a agressão por idade verificamos uma prevalência de agressores está entre os alunos mais novos, com as idades compreendidas entre os 12 e 14 anos, no entanto, os mais novos (12 anos) foram os que mais assumiram ter agredido outros. Os casos de agressão tendem a baixar com a idade, tal como se pode verificar na tabela abaixo.

BULLYING – Não... isso magoa!

Tabela XX – Agressão de acordo com a idade

Quantas vezes fizeste mal a outro(s) colega(s) na escola este período	Idade						Total
	12.00	13.00	14.00	15.00	16.00	17.00	
Nenhuma	12	10	27	14	1	1	65
1 ou 2 vezes	3	1	1	0	0	0	5
Total	15	11	28	14	1	1	70

Motivos para a agressão

Quanto aos motivos que os alunos tinham para agredir verificamos que a grande maioria respondeu que não agrediu ninguém, o que não está em conformidade com as respostas dadas anteriormente, porque os alunos contradizem-se nas suas respostas o que faz com que os resultados sejam inconclusivos.

Gráfico 3



Sobre a possibilidade de vir agredir outros

BULLYING – Não... isso magoa!

Numa análise à possibilidade de os alunos virem a agredir outros a grande prevalência é a de que “Não”, numa frequência de 52 respostas. Já 14 alunos acham que “não” enquanto 4 deles disseram que só se os irritarem e 3 afirmam que “sim”, que agrediam.

Tabela XXI – Possibilidade de vir a agredir

Ajudavas a agredir um colega que não gostasses?		Frequency	Percent	ValidPercent	CumulativePercent
Valid	sim	3	4.0	4.3	4.3
	só se me irritar	4	5.3	5.7	10.0
	acho que não	11	14.7	15.7	25.7
	não	52	69.3	74.3	100.0
	Total	70	93.3	100.0	
Missing	System	5	6.7		
Total		75	100.0		

PARTE IV

Discussão dos resultados

Conclusão

Discussão dos dados obtidos

Bullying implica atos de violência exercidos sobre alguém. Esta violência ou agressão pode surgir de múltiplas formas e tipos. Beane (2008) agrupa os vários tipos de bullying em três grandes grupos: físico, verbal e social/relacional.

Segundo Olweus o *bullying* é caracterizado por três critérios, é um comportamento agressivo; é uma ação que acontece "repetidamente e ao longo do tempo"; e também uma relação interpessoal que se caracteriza por um desequilíbrio de poder. O autor distingue ainda o "*bullying* direto" e o "*bullying* indireto", sendo que o primeiro consiste mais na forma de abuso físico e o segundo numa forma mais indireta como os rumores e a exclusão. Os vários tipos de *bullying* existentes podem trazer consequências muito graves para os jovens.

Assim, com este trabalho propusemo-nos a identificar e caracterizar a existência de alguma destas formas de *bullying* acima citadas.

Em função dos resultados de vários estudos realizados sobre o *bullying* apontarem para uma maior incidência deste fenómeno entre os rapazes, no presente estudo os dados refutam esta tendência. Dos 13 alunos (17,6%) alvos de agressões, 9 deles são raparigas e só 4 são rapazes. Estes valores evidenciam que a vitimização entre as raparigas já não é inferior à dos rapazes, o que de alguma forma contraria a literatura consultada. Olweus (1993,citado por Melim, 2011),) afirmava numa fase inicial da investigação do *bullying*, que há uma tendência para os rapazes estarem mais expostos do que as raparigas e essa tendência é mais marcada no ensino médio e secundário. Pereira et al. (2004) e Pereira (2002) também referem que há um significativo decréscimo do risco para as raparigas, uma vez que os rapazes se envolvem mais frequentemente em situações de *bullying* como vítimas, no entanto os nossos dados vêm contrariar essa realidade. No que respeita à idade, tanto nas vítimas como nos agressores, os dados do presente estudo corroboram o resultado de outros, como exemplo em Pereira (2002) que confirma que a percentagem de vítimas diminui com a idade quer seja rapazes ou raparigas.

Tal como referido anteriormente, os dados deste estudo apontam que 17,6% dos alunos inquiridos já foram vítimas de alguma forma de agressão, no período estudado; 6,8% afirmam já terem agredido outros, enquanto que 82,4% referem nunca terem

BULLYING – Não... isso magoa!

estado envolvidos em situações de *bullying*. Estes dados estão abaixo do resultado obtido noutros estudos, Pereira (2002); Melim (2011). No que refere aos agressores os nossos dados refutam as estilísticas apresentadas por Melim (2011), no entanto corroboram na similaridade de percentagens aferidas para as vítimas nos mesmos estudos. Pereira (2002) relata o estudo de Almeida em 1999 que em Portugal, utilizou uma amostra de 6200 estudantes da cidade de Braga e constatou que 20% dos alunos eram agressores e 15% vítimas desta modalidade de violência. Ainda a mesma autora Pereira (2002) com 3341 estudantes da mesma cidade e 4 escolas da cidade de Guimarães, concluiu que 21,6% dos alunos eram vítimas e 15,4% agressores, apontando de forma especial, que o local de maior incidência dos casos de *bullying* ocorria no momento do recreio escolar. O nosso estudo corrobora esses valores sendo que os locais mais assinalados foram o recreio com 14,6% das respostas. Sendo o recreio o espaço onde as crianças passam grande parte do tempo a brincar e socializar, também é o espaço onde se potenciam maiores casos de agressões. Pereira (2002) refere que “alguns alunos procuram recantos do recreio onde há menor número de crianças, por terem dificuldades de se integrarem em grupo”, este isolamento é potenciador de situações de agressão por falta de apoio dos pares.

A sala de aula é o local que obteve a segunda maior percentagem com 8,6% das respostas, o que reflete alguma instabilidade dentro das turmas que constituem a nossa amostra. Em consonância com estes valores está a idade dos agressores pois consequentemente se é na sala de aula que acontece uma grande parte destes atos também consequentemente a idade dos agressores será a mesma, aparecendo com 16% das respostas. Estes valores corroboram os resultados do estudo de Pereira (2002).

Quanto à frequência do *bullying* verificámos que os valores eram semelhantes entre si, 1 ou 2 vezes foi referido por 7 alunos e 3, 4 ou mais vezes por 6 alunos. No género também se verificou uma similaridade na frequência, dos 4 rapazes 2 assinalaram 1 ou 2 vezes enquanto os outros 2 assinalaram 3, 4 ou mais vezes; das raparigas 5 afirmam ter sido 1 ou 2 vezes enquanto 4 referem ter sido 3, 4 ou mais vezes. Sendo que estes valores não representam uma diferença nas duas frequências estudadas, ainda assim corroboram os resultados do estudo de Melim (2011).

No que respeita às formas de *bullying* mais usuais, o nosso estudo indica que não são sofridas pelos dois géneros na mesma proporção. Os rapazes queixam-se mais frequentemente da agressão direta e física, tais como, “bater, dar murros e pontapés” (rapazes 8,7%; n=2) enquanto nenhuma das raparigas reporta ter sido

BULLYING – Não... isso magoa!

agredida desta forma. Já na agressão indireta e relacional, tais como, “falar de mim, contar segredos” são as raparigas que mais se queixam (raparigas 13,6%; n=8) enquanto nos rapazes só um reclama esta forma de agressão (4,3%; n=1). Vários estudos como os de Melim (2011), Pereira (2002), apontam para a forma direta “bater, murros e pontapés” como sendo a mais utilizada pelos rapazes, o nosso estudo corrobora essa realidade, já as raparigas utilizam mais o “falar de mim, dizer segredos” chamado também de bullying social ou indireto, resultados esses encontrados também no nosso estudo.

As estratégias utilizadas pelos alunos inquiridos perante a ameaça ou agressão, são importantes para a prevenção e inibição da prática de *bullying*. Quando questionados, a maior percentagem de alunos respondeu ter reportado o sucedido aos amigos (n=5), situação preocupante é o facto da mesma percentagem ter referido que não comunicou a ninguém, o que demonstra que ainda existem crianças que temem ou têm vergonha de contar o que lhes aconteceu. Em menor número seguem-se os que falaram com os pais ou encarregados de educação (n=3) ou com o diretor de turma (n=3) permitindo assim que estes encontrem estratégias/soluções mais eficazes para resolução dos problemas.

Quando se pergunta o que fazem ao ver um colega a ser agredido a grande maioria diz que ajuda como pode (n=29; 26,1%) ou chama alguém para ajudar (n=31; 27,9%). Aqueles que ajudam ou tentam ajudarem os amigos ou mesmo não os conheçam (n=27; 24,3%). São valores muito próximos o que demonstram que ainda assim se preocupam em ajudar. Já os que nada fazem por não ser nada com eles atingiu valores de (10,8%; n=12). A maior parte das crianças não aprova o *bullying*, mas como é uma prática habitual na escola, toleram-no. O stress que decorre destas vivências deve ser substituído por valores de cooperação de pequenos grupos, (Pereira, 2002).

No que refere aos alunos que afirmaram já ter agredido outros pelo menos 1 ou 2 vezes nesse período, os que incluímos na categoria dos agressores, atinge uma percentagem de 7,1%, valores estes que estão muito abaixo daqueles encontrados noutros estudos, como exemplo Melim (2011) que apresenta valores de 29,1% de agressores na sua amostra, refutando assim esta conclusão.

A agressão por *bullying* em relação ao género é predominante nos rapazes, dos 5 agressores 4 são rapazes e 1 rapariga. A sua incidência em relação à idade situa-se claramente entre as idades mais jovens, sendo a maior prevalência nos 12 anos.

BULLYING – Não... isso magoa!

Tendências semelhantes são encontradas na literatura onde vários estudos indicam que o *bullying* físico e o comportamento violento são mais comuns nos rapazes do que nas raparigas (Grills & Ollendick, 2002; Martins, 2009; Nansel et al., 2001; Olweus, 2010; citados por Melim, 2011). Estes valores corroboram o estudo de Pereira, (2008), em que os resultados apontam para os rapazes como aqueles a envolverem-se mais frequentemente em situações de *bullying* como agressores.

Quanto aos motivos para a agressão os dados mostram-se inconclusivos, já que existem muitas contrariedades nas respostas dadas.

Por último, os resultados quanto à possibilidade de os alunos virem a agredir outros são que “Não”, ou “acha que não” com 90% das respostas, enquanto 5,7% afirma só “se me irritarem” e 4,3% responde “sim”, valores que consideramos satisfatórios perante uma visão global do *Bullying*.

Conclusões

Com base nos objetivos do nosso estudo, os resultados vieram comprovar e demonstrar que o *bullying* é um fenómeno real e que está presente no contexto escolar. Embora o nível de vitimização apurado não ser elevado, nem superior ao dos estudos já existentes, merece a máxima atenção e preocupação e uma vez identificado deve ser avaliado e intervencionado de uma forma sistémica. Da nossa amostra 53 eram raparigas e 21 rapazes, e a percentagem de vitimização é visivelmente mais elevada nas raparigas, duas vezes mais do que na dos rapazes, estes valores podem dever-se ao facto de a amostra ser composta maioritariamente por raparigas.

Salientando as características da vitimização apuramos que ambos os géneros estão vulneráveis ao bullying, os rapazes recorrem a um *bullying* mais físico e direto enquanto que as raparigas utilizam mais um *bullying* relacional/social e indireto.

O *bullying* menos frequente (que ocorreu 1 ou 2 vezes no período estudado), e sobretudo através do insulto verbal são os padrões mais comuns deste fenómeno entre os alunos vitimizados do género feminino, sendo que o *bullying* que é perpetuado 3, 4 ou mais vezes, não se distancia muito do primeiro. Também se tornou evidente que é necessária uma atenção acrescida com os alunos mais novos, uma vez que a vitimização é superior nos 7º e 8º anos, para depois decrescer com a idade. Em relação aos locais onde ocorrem as agressões, os nossos valores vão ao encontro da maioria dos resultados de outros estudos realizados, sendo o recreio o local mais assinalado. Concluimos com este estudo que o *bullying* é mais recorrente dentro da escola e até mesmo dentro da sala de aula, do que no caminho para a escola, uma vez que detetámos só dois casos de agressões a caminho da escola.

Consideramos que o nível de agressores detetado na escola da amostra não é preocupante e encontra-se abaixo dos níveis habitualmente apresentados pela literatura consultada, no entanto verifica-se uma maior predisposição dos rapazes para a agressão relativamente às raparigas, e em idades mais jovens.

Sugestões e limitações

Como sugestão para prevenção do fenómeno do *bullying*, elaborámos um plano de prevenção que supostamente seria para aplicar na escola, no entanto e devido à limitação do tempo disponível não foi possível a sua implementação. De qualquer forma não podíamos deixar de o incluir neste trabalho, pois consideramos ser deveras importante e necessário nas nossas escolas.

Beane (2006) considera que as crianças “depois de desenvolverem comportamentos de *bullying*, não abandonam com facilidade esses comportamentos à medida que crescem. Têm de ser ensinadas a relacionar-se melhor com os outros”. Para o autor “o envolvimento dos pais, dos professores, dos administradores das escolas, dos alunos e das comunidades é essencial para terminar com a violência nas escolas”, não podíamos estar mais de acordo, daí reforçamos a importância destes programas de intervenção e da envolvimento de toda a comunidade escolar e familiar nos mesmos.

A nossa maior limitação foi o facto de os alunos não terem sido claros e verdadeiros nas respostas ao questionário, o que dificultou a análise estatística.

PARTE V

Plano de intervenção

Medidas de intervenção e prevenção do *Bullying*

Todo e qualquer processo de intervenção e prevenção do *bullying* numa escola é muito complexo e como tal deve envolver toda a comunidade educativa pelo que deve estar definido no Projeto Educativo do Agrupamento (Pereira, 2002). A autora refere também ser de extrema importância a existência de documentos orientadores próprios tais como o regulamento da escola e um regulamento disciplinar.

Assim sendo após uma análise ao PEA do agrupamento e dando seguimento às medidas de operacionalização introduzidas no ano letivo de 2016/17, e de acordo também com as orientações descritas no novo Estatuto do Aluno, Lei nº51/2012, de 05 de Setembro, decidimos elaborar um plano de intervenção que, paralelamente com estas medidas, venha trazer uma mais-valia e uma ajuda no sentido de erradicar ou amenizar este tipo de comportamento por parte dos alunos.

Pontos fracos (apontados no diagnóstico inicial)	Operacionalização Ações de melhoria introduzidas
Casos de comportamento indisciplinado, contrariando os princípios do Regulamento Interno ou as regras básicas	- uniformização dos intervalos (passaram a ter todos a mesma duração); - ações de formação para docentes, funcionários e alunos (ex “Sementes de indisciplina”, “Gestão de conflitos”, “Prevenção e estratégias de conflitos” ou sobre <i>Bullying</i> da PSP com alunos dos vários anos) - Projeto “Apagar o <i>Bullying</i> da escola” - Projeto de Apoio Tutorial - Intervenções da Direção (trabalho cívico, idas a turmas, ordens de serviço) - Projeto “Escola para Pais

(excerto adaptado da avaliação realizada ao PEA 2016-2017 do Agrupamento de Escolas)

Plano de intervenção/prevenção

Numa eventual tentativa de prevenção do *Bullying* foi elaborada a proposta de um plano de intervenção/prevenção, que se divide em três fases. A primeira fase consistia na sensibilização, informação e identificação do fenómeno do *bullying*. Aqui pretendia-se ter a envolvimento de toda a comunidade, implementando ou melhorando as estruturas de apoio já existentes na escola, e identificar a existência do *bullying* e as diversas formas, através da aplicação de um questionário a todos os alunos. Numa segunda fase apostaria-se na consolidação dos objetivos definidos na fase anterior, o funcionamento dessas mesmas estruturas, a criação de parcerias locais com o objetivo de ajudar a combater este fenómeno, nomeadamente nos contactos com convidados exteriores à escola que pudessem vir a dar o seu contributo e na criação da semana *antibullying*. Finalmente, na última fase do plano pretendia-se sinalizar os alunos que persistiram neste tipo de comportamentos, encaminhando-os para o gabinete *antibullying* para uma maior responsabilização dos seus atos. Por outro lado, definiriam-se as medidas disciplinares formativas e sancionatórias que iriam reforçar os projetos educativos das escolas e os seus regulamentos internos.

Numa tentativa de tornar mais fácil a sua leitura e compreensão, optamos pela elaboração do plano de intervenção/prevenção da seguinte forma:

Primeira fase do plano

Objetivos específicos	Ações a desenvolver	Recursos
<p>Sensibilizar/informar a população escolar para o fenómeno do <i>bullying</i>;</p> <p>-Identificar, através de questionários aplicados aos alunos, os vários tipos de <i>bullying</i> e os seus intervenientes;</p> <p>-Criar um gabinete e uma equipa <i>antibullying</i> (constituída por técnicos da escola, alunos e pais)</p>	<p>Implementar o questionário sobre o tema a todos os alunos;</p> <p>-Realizar reuniões de professores e de pais e funcionários;</p> <p>-Ações de sensibilização e formação sobre o tema;</p> <p>-Equipa <i>antibullying</i>.</p> <p>-Criar uma caixa de correio para que as “vítimas”</p>	<p>Humanos:</p> <p>-Pessoal discente;</p> <p>-Todos os intervenientes da comunidade educativa;</p> <p>- Alunos e professores (com conhecimento dos pais).</p>

BULLYING – Não... isso magoa!

<ul style="list-style-type: none">-Envolver associação de estudantes e encarregados de educação; -Introduzir regras de convivência entre os alunos; -Melhorar a supervisão durante os recreios.	deixem as suas queixas;	<p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none">-Utilização das estruturas de apoio existentes na escola (gabinete de apoio ao aluno; associação de pais; psicólogo); - Novo gabinete <i>antibullying</i>; -Recreios, corredores e escadas; - Espaço escolar; - Salas de aula
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Assim, para que este plano possa ser exequível há que proceder a uma avaliação contínua e formativa. Nesta primeira fase salienta-se a importância das reuniões agendadas, para desta forma sensibilizar-se professores e restante comunidade educativa para a eventual existência deste fenómeno na escola. É igualmente importante presença dos encarregados de educação nessas reuniões para que estes estejam sensibilizados para a necessidade de um ambiente escolar seguro, calmo e propício ao sucesso educativo dos seus educandos.

A aplicação do questionário deverá ser feita nesta fase, para os dados serem analisados, e consoante os resultados elaborar (ou não) mais regras de convivência e de disciplina e para planear as primeiras ações de formação e sensibilização a realizar sobre o tema.

BULLYING – Não... isso magoa!

Na segunda fase

Objetivos específicos	Ações a desenvolver	Recursos
<ul style="list-style-type: none">-Criar e divulgar o mês <i>antibullying</i>;- Manter e criar novos protocolos e/ou parcerias;-Dinamizar atividades a desenvolver na escola sobre o tema.	<ul style="list-style-type: none">- Criação o mês <i>antibullying</i> (primeiro mês do 2º período)- Distribuição de panfletos;- Realização de palestras e workshops com especialistas na área;- Projeção de filmes e documentários sobre o tema;- Apresentações de dança e teatro;- Contactos com as estruturas locais (paróquia, escuteiros, junta de freguesia, escola segura).	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none">-Todos os elementos da comunidade educativa;-Convidados locais;-Convidados exteriores à comunidade escolar. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none">- Salas de aula;-Espaços exteriores da escola;- Ginásio das escolas;-Anfiteatros.

Nesta segunda fase seria estabelecido o mês do *antibullying*, onde teriam lugar as palestras e workshops, eventuais espetáculos de dança e teatro sobre o tema. Tentar-se-iam agilizar os protocolos com as estruturas locais no sentido de poderem ajudar na promoção e divulgação do projeto, e fornecerem algum apoio e formação à equipa *antibullying*, tal como às associações de estudantes e de encarregados de educação.

BULLYING – Não... isso magoa!

Na última fase

<i>Objetivos específicos</i>	<i>Ações a desenvolver</i>	<i>Recursos</i>
<p>-Criar o modelo <i>antibullying</i>, através das medidas de prevenção e intervenção no PEE e no RI;</p> <p>-Encaminhar os alunos identificados como agressores e vítimas para as estruturas de apoio da escola;</p> <p>-Sinalizar os alunos que ainda mantêm comportamentos agressivos;</p> <p>-Repassar o questionário sobre o <i>bullying</i>.</p>	<p>Medidas formativas:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Diálogo de sensibilização com os alunos; -Pedido de desculpa formal; -Reunião com os pais do agressor e vítima; - Inserir o aluno na equipa <i>antibullying</i>; -Encaminhamento para atividades extracurriculares. <p>-Registo dos alunos identificados;</p> <p>Medidas sancionatórias:</p> <ul style="list-style-type: none"> -serviço de limpeza na escola (salas de aula, refeitório, biblioteca, etc); -interdição dos espaços comuns de lazer; -processo disciplinar; -mudança de turma (caso sejam da mesma turma); - suspensão; -transferência de escola; -medidas disciplinares mais graves (de acordo com o Estatuto do Aluno). 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Todos os intervenientes da comunidade educativa; -Alunos e professores. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Espaço escolar: direção; gabinetes; salas de aula; recreio; anfiteatro; -Gabinete e respetiva equipa <i>antibullying</i>; - Salas de aula.

BULLYING – Não... isso magoa!

Nesta fase seria repassado novo questionário aos alunos, e após reavaliação realizada aos dados, verificar se persistem casos *bullying* na escola, se existiam alunos agressores que persistiam nesses atos, procedendo-se então ao seu encaminhamento para as respetivas equipas técnicas, no sentido de serem aplicadas algumas medidas sancionatórias. Medidas estas previamente elaboradas e contempladas no Regulamento Interno e Disciplinar em conformidade com o Projeto Educativo do Agrupamento.

Referências bibliográficas

American Psychiatric Association – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – IV – TR (IV ed.). Lisboa: Climepsi, 2002

Beane, A. (2006). *A sala de aula sem Bullying*. Porto: Porto Editora

Beane, A. (2008). *Proteja o seu filho do Bullying*. Porto: Porto Editora

Botelho, R. G., & Souza, J. M. C. (2007). Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 1(1), 58-70.

Bullying In U.S. Schools: 2014 Status Report. Acesso em 20/01/2017

Camargo, Orson. "Bullying"; *Brasil Escola*. Acesso em 11 de janeiro de 2017.

Castro, M. de L., Cunha, S. S., & Souza, D. P. O. (2011). Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra de Garças, MT. *Rev Saúde Pública*, 45(6).

Costa, E.; Vale, D. (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Costa, P. J. F. D. S., & Pereira, B. O. (2010). O bullying na escola: A prevalência e o sucesso escolar. *Actas do I Seminário Internacional «Contributos da Psicologia em Contexto Educativo»*, 1810-1821.

BULLYING – Não... isso magoa!

Cowie, H., Murray, C. & Brooks, L. (1996), How effective are peers in tackling school bullying? Teachers and pupils reflect on this process, *.European Conference on Education Research (ECER)*, Sevilha.

Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying*. Campinas: Verus Editora.

Matos, M.,J. Negreiros, J.,C. Simões, C.,T. Gaspar, T.(2009). *Violência, Bullying e Delinquência – Gestão de Problemas de Saúde em Meio Escolar*. Lisboa: Coisa de ler.

Matos, Simões, Gaspar & Equipa do Projecto Aventura Social (2009) *Violência entre pares no contexto escolar em Portugal nos últimos 10 anos*, publicação/277099270. Acesso em 10/02/2017

Melim, F. (2012). *Na escola, tu és feliz? Estudo sobre as manifestações e implicações do bullying escolar*. Universidade do Minho - TESE DE MESTRADO

Middelton-Moz,J.; Zawadski,M. L.(2007). *Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed.

Neto, A. (2005). *Bullying- Comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal Pediátrico*. V. 81, nº 5, pp. 164-172

Olweus, D. (1991), “Bully/victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school based intervention program”, *In D. Pepler & K. Rubin (eds), The Development and Treatment of childhood Aggression*. Hillsdale, N. J.: Erlbaum.

BULLYING – Não... isso magoa!

Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell.

Patchin JW, Hinduja S. (2015). Measuring cyberbullying: Implications for research. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 69-74.

Paulo Costa & Beatriz Pereira (2010), O Bullying na Escola: a Prevalência e o insucesso escolar, atas do I Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”. Braga: Universidade do Minho, 2010 ISBN- 978-972-8746-87-2

Pereira, B. O. (2002). *Para uma escola sem violência – Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre Crianças*, Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese Schools. *School Psychology International*, 25 (2), 241-253.

PEA do Agrupamento de Escolas de Santo André, Construir juntos o caminho saber - para planear ser. (Atualização PEA de 2016/17)

Porto, A. A., & Richter, D. (2015). O direito da criança e do adolescente e os riscos do cyberbullying e do sexting no ambiente digital: realidade ou exagero? *Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*.

Rondina, J. M., Moura, J. L., & de Carvalho, M. D. (2016). CYBERBULLYING: o complexo bullying da era digital. *Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais*, 1(1), 20-41.

Sampaio, D. (2009). *Porque Sim - Os pais com maturidade sabem que os filhos não lhes pertencem*, .CIDADE? Editorial Caminho.

BULLYING – Não... isso magoa!

Santos, A. K. e Ramos, N. (2016), *Violência E Bullying Em Contexto Escolar: Contributos da perspectiva intercultural*, acesso em 29/01/2017

Saraiva, A. B., & Pereira, B. O. (2014). Prevenir o Bullying é educar para a cidadania? In M. C. C. Guebert & R. R. Costa (Eds.), *Educação, Política e Direitos Humanos. Diálogos Necessários para o Século XXI*. (1ª ed., pp. 63-81). Curitiba: CRV. (ISBN: 978-85-444-0151-7)

Silva, M. A., & Pereira, B. (2008). A violência como fator de vulnerabilidade na ótica de adolescentes escolares. *Educação para a Saúde no Século XXI: Teorias, Modelos e Práticas*, 911-916.

Smith, P. K.; Sharp, S. *School bullying: insights and perspectives*. London: Routledge, 1994

The *Olweus Bullying Prevention Program(OBPP)*. Acesso em 20/01/2017

Consulta electrónica

<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>

<http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v23n2p16-30>

<http://olweus.sites.clemson.edu/>

<http://www.eses.pt/interaccoes>

http://www.violencepreventionworks.org/public/recognizing_bullying.page

Bullying, (18 de Maio 2011),

http://tudobullying.blogspot.pt/2011/05/introducao-para-bullying_18.html blog acedido em 11 de Fevereiro de 2017

Legislação consultada

Lei nº 51/2012, de 5 de Setembro- Aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar que estabelece os direitos e deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação;

Anexos

